



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
DEPARTAMENTO DE LETRAS

PATRICIA BARBOSA ALVES DE SOUZA

**O DISCURSO DA SENSUALIDADE DA BRASILEIRA NA
CARTILHA DO “PROGRAMA GANHE O MUNDO” EM
PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Serra Talhada

2021

PATRICIA BARBOSA ALVES DE SOUZA

**O DISCURSO DA SENSUALIDADE DA BRASILEIRA NA
CARTILHA DO “PROGRAMA GANHE O MUNDO” EM
PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada – como requisito à obtenção do grau de licenciado/a em Letras.

Orientador/a: Profa. Dra. Bruna Lopes Fernandes Dugnani.

Serra Talhada

2021

RESUMO

Os objetivos deste trabalho são identificar e discutir a materialização do discurso da sensualidade da brasileira na cartilha do “Programa Ganhe Mundo”, “When in Rome do as the Romans do”, distribuída no ano de 2014 para bolsistas de intercâmbio. Para cumprir com tal tarefa, este estudo fundamenta-se teórico- metodologicamente na análise dialógica do discurso e no conceito de memória do objeto (formulado por Amorim a partir de leituras do círculo bakhtiniano). Também fundamentam esta pesquisa, as discussões da sexualidade feminina. Metodologicamente, segue-se as etapas bakhtinianas para a abordagem do objeto, a saber: de descrição, análise e interpretação. As análises da cartilha indiciam uma entonação negativa com relação a sensualidade das brasileiras, qualificada enquanto “exagerada”. A relevância deste estudo é tanto contribuir para compreensão do que materializa os discursos sobre as mulheres em enunciados quanto para o entendimento do discurso da sensualidade da mulher e a relação desse com outros discursos, aí incluído, o discurso religioso.

Palavras-chave: Dialogismo; Sensualidade; Brasileiras; Bakhtin; Cartilha do “Programa Ganhe Mundo”.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, almeja-se identificar e discutir a materialização dos discursos presentes na cartilha do “Programa Ganhe Mundo” (PGM), “When in Rome do as the Romans do”, distribuída no ano de 2014 para os bolsistas de intercâmbio do estado de Pernambuco. No recorte aqui apresentado, o enfoque é dado ao discurso sobre a sensualidade da mulher/menina brasileira.

A partir da análise do texto instrucional de comportamento, distribuído aos alunos intercambistas do PGM, entre as cinquenta e cinco instruções, verificamos instruções que dizem respeito ao modo como a sensualidade brasileira deve ser encarada e/ou vivenciada.

O Programa Ganhe o Mundo (PGM) é um projeto do governo de Pernambuco, criado com o intuito de proporcionar aos adolescentes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de referência curso de línguas e no final dele ganhar uma bolsa de até seis meses para estudar em outro país.

Nesse sentido, levando em consideração a compreensão dialógica bakhtiniana de linguagem e o conceito de memória do objeto (AMORIM, 2010)¹, ressaltamos que discursos sobre a sensualidade do povo brasileiro não são novos. Assim, - ao recuperarmos a memória da sensualidade dos brasileiros, notamos a sua materialização desde que Cabral chegou ao Brasil e Caminha escreveu a famosa carta na qual descreve detalhadamente, entre outros aspectos, em tom de recriminação, as particularidades dos corpos das pessoas com as quais se depararam.

Além de os brasileiros serem vistos como sensuais demais, de beleza exótica e multifacetada até, é notória a intensificação dessa imagem nas mulheres, o que aciona toda uma história marcada pela exploração, negação e segregação do que é ser mulher, sobretudo a partir de pressupostos ocidentais. Assim, entender a forma como a mulher brasileira, nesse contexto, é concebida se faz necessário não somente para desconstrução de discursos e estereótipos instaurados no Brasil, mas também, essencialmente, em outros países.

Nosso esforço se respalda, metodologicamente, na perspectiva bakhtiniana. Nesse sentido, para o tratamento do *corpus*, descrevemos, analisamos e interpretamos a cartilha do “Programa Ganhe o Mundo” (When in

Rome do as the Romans do). “Esses passos metodológicos ajudam a dar a devida conta do objeto em análise, ao organizar o trabalho do analista. Evitam, assim, que ele se leia no texto em vez de ler o texto concreto que tem diante de si.” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1093).

O artigo está organizado em três sessões, a primeira traz valiosas reflexões sobre a análise dialógica do discurso que nos ajudará a compreender como o nosso objeto de estudo foi analisado e a riqueza da contribuição do Círculo para a Ciência da Linguagem. Em Passos Metodológicos, pode-se verificar qual a metodologia utilizada nesse artigo, que se faz em descrição, análise e interpretação a partir da sessão três.

1 BREVES REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E A MEMÓRIA DO OBJETO

A cartilha é analisada pelo veio da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Portanto, os conceitos teóricos de Bakhtin e o Círculo são aqui apresentados para um melhor entendimento da empreitada deste estudo. Isso se deve ao fato de o pensamento bakhtiniano não ter sido limitado apenas ao filósofo da linguagem, Bakhtin, mas também a outros intelectuais, cientistas e artistas que participaram do Círculo acuradamente nas décadas de 1920 e 1930.

Em 1920, Volóshinov e Medvedev abertamente demonstravam interesse em construir uma teoria ideológica com base marxista. Volóshinov, na questão da linguagem, desenvolveu dois pontos:

[...] uma discussão crítica dos estudos linguísticos de sua época (em especial em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*) e a apresentação da tese de que os enunciados do cotidiano e os enunciados artísticos têm um chão comum – estão ambos no interior da grande corrente da comunicação sociocultural e têm ambos uma dimensão axiológico-cultural em sua significação (ver seus artigos *O discurso na vida e o discurso na poesia* e *As fronteiras entre poética e linguística*) (FARACO, 2009, p. 46, itálico do autor).

Além disso, Volóshinov envolveu-se com estudos da subjetividade e da psicologia de seu tempo. É possível encontrar reflexões sobre esses temas nas obras *Freudismo* e em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

O Círculo e o pensamento de Bakhtin foi atravessado por reveses políticos e sociais. Muito adeptos dos novos modos de encarar a realidade e

os fenômenos da linguagem, que viveram Rússia czarista, sob a égide de governos totalitários e limitantes, foram exilados e/ou condenados à morte. A época foi tensa, mas a produção de conhecimento foi imensa e bastante rica, tanto que continuamos a estudar e aprender com os textos do Círculo.

É importante ressaltar que a Análise Dialógica do Discurso (ADD) já insere em seu nome o diálogo, o que é de grande importância. Mas não se trata de qualquer diálogo, não somente o diálogo face a face ou o diálogo de uma narrativa, isto é, refere-se ao diálogo além de seu aspecto formal e dos turnos de fala, que já são muito bem estudados pela análise da conversação e pela etnografia da comunicação.

O diálogo em si é observado, bem como todas as relações dialógicas que o perpassam. Nessa perspectiva, são nessas relações que é possível encontrar as refrações, confrontações de verdades sociais e o espaço socioideológico das ideias, sem inferiorizar qualquer que seja a linguagem utilizada - seja a poética, seja a do cotidiano, pois estão ambas inseridas na comunicação sociocultural, em que se materializam as relações dialógicas e posições axiológicas. Assim, estuda-se o diálogo entre discursos que se materializam verbalmente, verbo- visualmente, verbo-voco-visualmente etc.

Na criação ideológica, segundo Bakhtin, é importante frisar que existem diferentes esferas que se alimentam mutuamente, a ideologia do cotidiano, que compreende todas as relações do cotidiano, como pedir uma informação na rua, fazer a leitura de um romance ou de uma cartilha, por exemplo, e a segunda esfera, que abarca todas as práticas socioideológicas, a saber, o direito, a religião, as artes, etc. Podemos compreender isso, por exemplo, neste excerto da cartilha do PGM: “48) PERIGO! Cuidado com a sensualidade exagerada para não ser mal interpretado(a)” (PERNAMBUCO, 2013, p. 4). Como podemos ver, as relações dialógicas revelam a ideologia do cotidiano, que reflete a sexualização das mulheres brasileiras. Nisso se reflete, também, os sistemas ideológicos constituídos, como a religião cristã, que tende a ver, na figura feminina, fontes de pecados em face, especialmente, do episódio bíblico de Adão e Eva, quando esta saboreia o fruto “proibido”.

Para existirem relações dialógicas é necessário que o material linguístico tenha se tornado um enunciado concreto, portanto um discurso pontuando a posição de um sujeito social, de forma que seja possível fazer réplica,

confrontar as posições sociais, o que pode ser feito pelas variações linguísticas e dialéticas. Inclusive, há relação dialógica com o nosso próprio discurso quando nos afastamos dele. Eles são muito mais do que discussão, polêmica e paródia, e isso é apreensível na recepção, confiança, significado, combinação de vozes, etc. Essa confusão pode dar-se porque o diálogo, ainda que seja pacífico, traz em si um confronto de forças as quais denominamos centrífugas e centrípetas. Um outro conceito caro à Análise Dialógica do Discurso é o enunciado, que varia muito, mas é bastante coerente nessas distinções. Ele está presente em várias teorias linguísticas, sobretudo as que estão ligadas ao texto. Desse modo, enunciado pode aparecer, na teoria do texto, como frase ou escopo textual, mas as raízes epistemológicas são díspares. Entretanto, dentro das teorias de análise do discurso, o conceito de enunciado é bastante amplo, extensivo.

Em Bakhtin, o enunciado é concreto, pois parte-se do pressuposto de que ele é vivo, isto é, deriva de um acontecimento na realidade, isso muito se aproxima dos atos de fala. Sendo assim, o enunciado é único e obedece a uma transcendência histórica, no tempo e no espaço. Ainda, ele não emerge do vácuo – nisso se pressupõe que cada enunciado é resultado de outros.

A concepção de enunciado como resultado de outros, bem como a leitura dos estudos bakhtinianos, inspirou Amorim (2010) a propor o conceito de memória do objeto (também designada como memória coletiva ou memória social). Para a autora “a própria palavra é objeto portador de memória coletiva: ‘Um locutor não é o Adão bíblico, diante de *objetos* virgens, ainda não designados, que ele é o primeiro a nomear’.” (BAKHTINE, 1982, p. 301 apud AMORIM, 2010, p.11).

Levando em consideração que o objeto possui memória e é discursivo, percebe-se que a sensualidade das brasileiras, objeto analisado neste artigo, não é somente abordado pela cartilha do "Programa Ganhe o Mundo", mas também já foi falado por outros.

Dessa forma, a cartilha ao se enunciar em relação a sensualidade das brasileiras, situam “imediatamente um universo discursivo” (AMORIM, 2010, p.12), que pode ser atualizado, revivido e retransmitido.

Ademais, o enunciado pode ser verbal e não verbal e, para que exista, é preciso a existência de um enunciador e um enunciatário [mas isso pode

oscilar bastante, haja vista nem sempre conseguimos encontrar um enunciatário imediato para a enunciação de discursos filosóficos ou musicais, por exemplo.

Vejamos este da cartilha do Programa Ganhe o Mundo de 2014, utilizada para educar os alunos da rede estadual de Pernambuco para países de língua inglesa ou espanhola: “21) A coisa pública é de todos e, portanto, todos devem tomar conta. A responsabilidade é de todos (você incluído).” Essa é uma das cinquenta e cinco recomendações distribuídas na cartilha, nela se percebe o discurso do enunciador que vem de um lugar de autoridade: das escolas, profissionais envolvidos no Programa para os alunos entre 16 e 17 anos, e que se preocupa com a coisa pública, dando a responsabilidade de cuidado a todos, mas entre parêntesis dá ênfase em “você incluído”, isto é, os adolescentes menores de dezoito anos.

Esse discurso não surgiu do nada, vem de um lugar de medo e desconfiança dos jovens brasileiros, essa desconfiança de que os estudantes fossem destruir o patrimônio público “alheio”, porque em outro país o aluno é estrangeiro. Não que não seja importante não destruir o que é público (isso é um contrato implícito, então por que abrir agora com esses adolescentes?), o vandalismo e a depredação da coisa pública acontece aquém da nacionalidade, mas a controvérsia dá-se pelo fato de como aparece na cartilha, por eleger essa como uma de suas preocupações destacando o papel de todos no cuidado com o que é público e enfatizando “você incluído”, dirigindo-se aos leitores da cartilha, indicia uma visão dos adolescentes brasileiros não terem o comportamento desejável.

Disso ecoa uma inquietação: o que há no povo brasileiro que precisa ser lembrado de não vandalizar o país alheio? O Brasil é um país que foi colonizado e que é emergente, conhecido pelo carnaval, São Paulo e Rio de Janeiro, e, ousar afirmar parece mais fácil associar esse tipo de comportamento ao brasileiro do que a um cidadão de uma potência mundial.

O enunciado, nessa perspectiva, é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações ‘enunciativas’ (BRAIT, 2005, p. 63).

O que é extraverbal aparece para contemplar tudo o que conversa com a palavra e é o constituinte fundamental do enunciado. O extraverbal não está somente no exterior da palavra, no espaço, no tempo, na tensão do momento, mas também não é passível de ser analisado psicologicamente – se se tratasse de inconsciente e de sentimentos, por exemplo. Portanto, essa concepção dialógica da língua(gem) tem suporte nos demais elementos que a acompanham, ou seja, os componentes do contexto. Por exemplo, na cartilha do Programa Ganhe o Mundo, o contexto extraverbal reside na intenção de apresentar, explicar, bem como serve de material de estudo. A cartilha, lançada em 2014 pelo estado de Pernambuco, organiza-se de modo a contemplar a condição do aluno que nunca saiu do seu país de origem, logo uma série de fatores se coadunam com o fim de moldar uma percepção mais ou menos estável da realidade com a qual o intercambista irá deparar-se. Isso acaba forjando modos de interpretar a realidade e agir sobre ela de maneira, mais ou menos, mecânica.

Além de extraverbal, para a teoria bakhtiniana todo signo é ideológico, isso quer dizer que todo enunciado, dotado de signos, também é ideológico. O conceito de ideologia, em Bakhtin e o Círculo, é muito importante para a teoria. Ele é baseado no conceito de ideologia de Karl Marx, no entanto seus estudos perpassam por locais que foram deixados em aberto como

[...] a questão da relação da infra-estrutura com a superestrutura, a constituição e o papel dos signos, a questão da constituição da subjetividade e da consciência, as questões da peculiaridade da palavra literária, o característico da linguagem verbal e sua relação com outros sistemas signícos, a questão da caracterização da arte. (BRAIT, 2006, p. 167).

À luz disso, vamos de encontro com a ideia de ideologia estática, interiorizada, que a compreende como um falseamento de consciência, que não enxerga as classes sociais existentes promovidas pelas forças dominantes. De modo que se constrói e se desconstrói essa concepção, dividindo a ideologia entre ideologia oficial, que seria relativamente dominante e estável e de conteúdo, e a ideologia do cotidiano, que nasce e constitui-se nos encontros casuais.

Ambas as ideologias aludidas formam um contexto ideológico único de

forma que é possível caracterizar a ideologia nos termos de Bakhtin como a expressão do sujeito no mundo, uma expressão que toma a materialidade da história e a regulação das relações dialógicas dos homens. No mais, é possível transmitir ideias semelhantes com ideologias diferentes, por exemplo: “48) PERIGO! Cuidado com a sensualidade exagerada para não ser mal interpretado (a).” (BRASIL, 2014), como também é possível dizer “Roupa e simpatia é coisa de cada um. EXIJA respeito”. Ambos os enunciados falam da mesma coisa, mas com ideologias distintas, com visões de sujeitos diferentes.

É importante lembrar que a palavra ideologia, para o Círculo de Bakhtin, é usada para designar o que alguns autores chamam de “espírito” humano, produção imaterial ou produção espiritual, que é o universo que engloba arte, ética, religião, política, filosofia, etc, todas as manifestações superestruturais. Ideologia também ocorre no plural para designar a pluralidade dessas manifestações da área da criatividade intelectual humana e não tem cunho negativo ou sentido restrito, por isso se faz diferente do mascaramento do real, o qual é comum em algumas vertentes marxistas.

Às vezes, ideológico pode vir como sinônimo de axiológico (que tem a ver com os valores morais) porque, para o Círculo, os enunciados possuem valoração, pois sempre expressam uma avaliação social, um posicionamento social valorativo e nenhum enunciado é não ideológico. São ideológicos em dois sentidos: porque qualquer enunciado é criado dentro de alguma das esferas ideológicas e sempre expressam uma posição ideológica, inclusive, quando afirmam serem neutras, saem de um lugar de valor.

Volóshinov também afirma que as bases dos estudos dessas esferas estão estritamente ligadas a problemas de filosofia de linguagem. Ainda, ele coloca que tudo o que é ideológico possui significado e, por isso, é signo, ou seja, tudo o que é ideológico terá valor semiótico.

É essa identificação do ideológico com o semiótico que vai dar ao Círculo o fundamento para construir sua teoria materialista para o estudo dos processos e produtos da cultura imaterial; o fundamento de sua filosofia da cultura. (FARACO, 2009, p. 47).

Faraco (2009) apresenta que em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) considera-se desapropriadas as abordagens idealistas por entender a

criação ideológica como fruto de uma consciência individual, ou pura; e as abordagens positivistas por observar tudo isoladamente, detalhando e até fetichizando artefatos de obras de arte, por exemplo. Ambas as abordagens perdem de vista que tudo é criado em meio a sociedade situada no tempo e espaço.

E existem como tal corporificados em algum material semiótico definido (i. e., numa determinada linguagem — tomado o termo aqui em sentido amplo), ou seja, um produto da criação ideológica é sempre um signo. (FARACO, 2009, p.48).

Os signos para o Círculo são próprios de relações sociais, estão entre seres organizados socialmente e só podem existir nesse diálogo. Não são apenas produtos fisiológicos ou psicológicos de um único indivíduo, tampouco são apenas parte de um sistema abstrato. Para que seja possível estudá-los é necessário que estejam em seus processos globais. O círculo bakhtiniano compreende que não podemos ter relações dialógicas que não passem pela mediação semiótica, pois só com ela poderemos experienciar e dar sentido axiológico a essa experiência. Dessa forma, todo enunciado concreto quando encontra o algo a que ele se refere já está envolto em uma camada densa de discursos, tensa também. Por isso, as palavras não entram em contato direto com as coisas, mas com a camada de discursos que as permeiam que, por sua vez, são parte das diferentes inteligibilidades que nomeiam as mesmas coisas a partir de seu lugar sócio-histórico. No entanto, isso não quer dizer que os signos apenas reflitam o mundo, copiem, mas também que os signos refratam, ou seja, eles também são mutáveis em diferentes e novos sentidos.

“No processo de referenciação, realizam-se, portanto, duas operações simultâneas nos signos: eles refletem e refratam o mundo.” (FARACO, 2009, p. 50). Podemos falar do que é externo aos signos, mas isso sempre de maneira refratada, é por isso que existem tantos pontos de vista, porque ao longo das experiências heterogêneas e múltiplas da humanidade isso é possível, criando várias verdades com diferentes valorações, até valorações contraditórias aos eventos e às pessoas. Para o Círculo não é possível significar sem refratar, pois sem as experiências o signo é vazio, é necessário estar no mundo de valorações para construir significado.

Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas. E isso não porque eles sejam intrinsecamente ambíguos, mas fundamentalmente porque significam deslizando entre múltiplos quadros semântico-axiológicos (e não com base numa semântica única e universal). (FARACO, 2009, p.51).

E porque a vida é dinâmica, a história também é e, por isso, as pessoas podem participar e significar em outros tempos, com diferentes axiologias os mesmos signos, tornando-os vivos e móveis.

Para ele, um domínio cultural (uma esfera da criação ideológica) não deve nunca ser pensado como tendo uma espécie de todo espacial (um território interno), mas deve ser visto como vivendo sempre na intersecção de múltiplas fronteiras. E isso porque cada ponto de vista criativo (que implica sempre uma tomada de posição axiológica) toma-se necessário e indispensável somente em correlação com outros pontos de vista criativos (com outras posições axiológicas. (FARACO, 2009, p.52).

Uma outra concepção em Bakhtin é a de sujeito, que, segundo o pensador da linguagem, forma-se a partir dos discursos que o perpassam de forma refletida ou refratada em relações dialógicas de alteridade. O sujeito também é único e irrepetível, tudo o que um sujeito faz não pode ser feito por outro sujeito, pois isso implicaria mudanças de sujeito e tudo o que foi formado dele. O sujeito também é inacabado, pois está sempre em construção e desconstrução, por depender daquilo que o rodeia (cultura, política, etc.). Por isso, a construção de gênero feminino e masculino também perpassa por esse sujeito e tanto o gênero feminino quanto o masculino se dá por meio da performance social. Em vista disso, o gênero é comumente preconcebido socialmente, pelo menos no lado ocidental, em que as mulheres são entendidas como sendo mais sensuais que os homens. Isso tende a deixar a imagem feminina brasileira numa posição enfática propiciando formas de perseguição com roupas, estilos e personalidade.

2 PASSOS METODOLÓGICOS

Neste tópico, há a exposição dos passos metodológicos seguidos neste

estudo. As etapas da pesquisa foram: I) seleção do *corpus*, a qual foi motivada pela participação da pesquisadora no “Programa Ganhe Mundo” no ano de 2014;

II) leitura da fundamentação teórica-metodológica bakhtiniana; III) “escuta” do objeto de pesquisa (no entendimento bakhtiniano: o objeto de pesquisa das Ciências Humanas “fala” por incidir sobre textos, que são simultaneamente constituídos por um sistema de linguagem e por um(uns) sujeito(s) que confere(m) coerência e o produzem de acordo com dado tempo, espaço e cultura); IV) escolha de um recorte de pesquisa; V) descrição, análise e interpretação do *corpus*; VI) para a interpretação do *corpus*, foram selecionadas referências bibliográficas que fazem referência à sensualidade da brasileira.

O corte do *corpus* foi necessário, pois não caberia em apenas um artigo analisar e discutir os discursos encontrados em toda a cartilha, e por já termos realizado um trabalho anterior com ele, foi decidido continuar com seu estudo.

A fim de basear o artigo na ADD, foram utilizados vários trabalhos, como Brait (2006), Faraco (2009), Amorim (2010), além de utilizar a metodologia bakhtiniana apontada por Sobral & Giacomelli (2016).

Em Sobral & Giacomelli (2016), podemos verificar que para desenvolver um projeto na Análise Dialógica do Discurso precisamos seguir uma ordem clara que passa por descrição, análise e interpretação para dar conta da língua e da enunciação

descrever o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas; *analisar* as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro); e, por fim, *interpretar* que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2019).

Só assim poderemos compreender os discursos presentes no objeto de estudo, sem nos lermos nele.

3 A SENSUALIDADE DA BRASILEIRA NA CARTILHA DO “PROGRAMA GANHE O MUNDO”

O enunciado em questão, a cartilha do PGM, será descrita logo abaixo, mas para isso, primeiro é interessante conhecer o programa a fim de explicitar um pouco sobre a sua história e importância para educação dos adolescentes pernambucanos que teve uma curva de melhoria na vertical, para em seguida expor com mais detalhes no discurso sobre a sensualidade da brasileira, veremos como a memória dialógica está presente neste enunciado e suas repercussões.

O Programa Ganhe o Mundo (PGM) é uma iniciativa do governo do estado de Pernambuco, que começou com o governador Eduardo Campos, em 2011. Tal Programa parte de um projeto maior que visa a melhorias na educação estadual, junto com as escolas de referência em ensino médio.

O PGM tem o intuito de letrar os estudantes nas línguas inglesa e espanhola (a partir de 2017 também a língua alemã), permitindo aos intercambistas não apenas conhecimentos linguísticos, mas também proporcionar o contato direto com aspectos sociais, culturais e artísticos dos países nos quais aportam. Para ser contemplado pelo Programa, os alunos precisam fazer curso de idioma, entre seis meses e um ano, na escola onde estudam e, ao fim desse período são submetidos uma avaliação que determina ou não a experiência do intercâmbio. Vale ressaltar que os estudantes não podem ter mais de 18 anos ou menos de 14 tanto na ida ao país escolhido quanto na permanência lá.

Os alunos selecionados passam alguns meses com uma família anfitriã, *host family*, com quem aprendem e dividem experiências. No mais, vão à escola e participam das atividades propostas, além de terem aulas da língua alvo.

Antes desembarcar, há reuniões de orientações sobre a viagem, documentação e sobre o que se pode esperar de novo ou não nos países-alvo. Uma dessas formas de orientação dadas aos alunos, pelo menos em 2014, foi uma cartilha ““When in Rome do as the romans do” or “If you are in Rome, live in the roman way””.

3.1 O DISCURSO SOBRE A SENSUALIDADE DA BRASILEIRA MATERIALIZADO NA CARTILHA DO PGM

A cartilha, enunciado concreto analisado neste artigo, intitula-se “WHEN IN ROME DO AS THE ROMANS DO or WHEN IN ROME DO IN THE ROMAN WAY” e apresenta cinquenta e cinco instruções de como se portar no país ao qual os estudantes são destinados pelo *Programa Ganhe o Mundo* que levou e leva muitos estudantes a outros países para praticar a língua estrangeira aprendida no Brasil e também para vivenciar, num intercâmbio, novas culturas.

Por todo o enunciado há instruções para o devido comportamento em novas terras, prevendo o choque cultural com algumas peculiaridades, para que os alunos assim possam ter um intercâmbio mais agradável, como é justificado na primeira folha antes de todas as prescrições.

Observamos que as cinquenta e uma recomendações empregaram exclusivamente o gênero masculino linguístico para apresentar as sugestões para os e as bolsistas do programa, conforme pode ser observado na transcrição de algumas dessas recomendações:

“14) Assuma seus erros, aliás, seja o primeiro a reconhecê-**los**. Não transfira ‘responsabilidade’ e não coloque a culpa **nos** outros. É inaceitável e indica falta de caráter” (PERNAMBUCO, 2013, p. 4).

“21) A coisa pública é de **todos** e, portanto, **todos** devem tomar conta. A responsabilidade é de **todos** (você incluído)” (PERNAMBUCO, 2013 p. 5).

“48) PERIGO! Cuidado com a sensualidade exagerada para não ser mal interpretado **(a)**” (PERNAMBUCO, 2013, p. 6).

“55) Finalmente, não se esqueça que você é **um** verdadeiro embaixador de Pernambuco e do Brasil. Para eles, **todos os** pernambucanos e brasileiros são iguais a você. A imagem que você deixa será a imagem de Pernambuco e do Brasil que irá ‘ficar’” (PERNAMBUCO, 2013, p. 6).

Somente a instrução de número quarenta e oito apresenta a flexão tanto para o feminino quanto para o masculino. Em contraste com os demais usos, essa flexão indicia um destaque ou uma preocupação do enunciador com as meninas. Nessa recomendação, lê-se: “PERIGO! Cuidado com a sensualidade

exagerada para não ser mal interpretado (a)".

Verbo-visualmente, pela utilização do substantivo "perigo" de letras maiúsculas e exclamação, ressalta-se uma situação que demanda atenção e denota que é necessário estar alerta. Na continuidade, o adjetivo "cuidado" reforça a concepção de arriscado e o substantivo "sensualidade" qualificado como "exagerada" define que o risco está no comportamento sensual em demasia. O fim do enunciado apresenta o motivo para se considerar a situação arriscada, isto é, pelo fato de ela ocasionar uma interpretação equivocada.

Ao refletirmos sobre a presença da flexão do gênero feminino somente nesta recomendação que aborda a sensualidade, percebemos que o enunciador marca a sua preocupação com as meninas, e um possível comportamento sensual, a qual é concebida como um risco.

Essa preocupação diz muito sobre a história de apagamento da mulher e da dicotomia puta/mulher mãe (MENEGON, C.; SILVA, E. W. A, 2015). Desde o século XVI a religião, o Estado, a medicina e a família tiveram muita influência no prazer feminino, tornando-o sujo, pecaminoso, inclusive sendo visto como possível causador da infertilidade e dos males do útero como os vapores e a histéria, fazendo do sexo um meio somente de procriação. No entanto, havia um impasse, pois o homem, ao contrário da mulher, teria instintos que deveriam ser saciados. Não combinava uma mulher de respeito com desejos e sensualidade, pois fugia da ideia que havia acabado de formar-se sobre o amor pela maternidade. Para tanto, foram criadas as casas onde os homens poderiam ir para se saciar enquanto a mulher cuidava do lar e dos filhos. Mas isso mudou com Freud, que trouxe pesquisas comprovando os benefícios do gozo feminino, então as mulheres passaram da dicotomia puta/mulher para mulher-objeto.

Essa memória e tantas outras que atravessam a cultura ocidental trazem sempre as vantagens do falo e da liberdade de sua existência, da existência do masculino que está enraizada na organização social e, mais ainda, na memória do objeto. O objeto dessa memória é a sensualidade da mulher que desde as cartas de Pero Vaz de Caminha apresentava as índias como lindas e sedutoras, sem medo de mostrar suas vergonhas.

Em tempos modernos, a mulher é vista como objeto mãe e puta, quando antes, a mulher que demonstrasse a feminilidade, reconhecida pelo outro como

sensual, era considerada puta, mulher vulgar, disposta apenas para descarte do gozo masculino, é também

[...] a figura da prostituta, enquanto representante da sensualidade, do erotismo e da sedução feminina, anuncia uma outra figura da mulher que tomou corpo ao longo do todo o século XX até os nossos dias. Com efeito, a prostituição da feminilidade da mulher, como contrapartida no campo social para a reserva masculina do gozo no cenário familiar, foi a condição concreta de possibilidade para a construção da figura da mulher objeto que obcecou o nosso imaginário ao longo deste século. [...]

Se a figura da puta representa na atualidade a excrescência e a radicalidade máxima da figura da mulher-objeto aquela, contudo, exerce o erotismo como um cálculo dos prazeres, como uma performance requintada mas mecânica, onde embala suas partes pudendas com papel celofane e matéria plástica para oferecê-las aos homens desvirilizados, como uma espécie de mercadoria e literalmente como um objeto direto de consumo. [...] a sensualidade e a sedução femininas migraram agora para o ser da mulher, num movimento de retorno ao seu lugar originário, encantando pois o corpo sexuado, na medida em que o erotismo presente na prostituta de hoje é marcado pela estilização, pela ritualização e pela pasteurização artificiosas. [...] (BIRMAN, Joel, 1999, p. 89-91).

Faz parecer que há formas sensuais de ser que são aceitáveis e outras formas que não são e independente de como seja, não há um consenso social sobre isso.

Essas memórias perpassam no discurso como no caso do manual do PGM, que se preocupa em lançar mão de um diferencial de gênero justamente quando se aborda a sensualidade, que é tida ainda como pecaminosa e sem decoro, uma vez que qualificada enquanto arriscada.

A mulher brasileira é vendida ao mundo como esse objeto sexual e turístico, uma imagem que vem à mente quando um estrangeiro pensa no Brasil, além do futebol e da violência.

O Brasil, a partir dos anos de 1970, ganha notoriedade internacional como o país do futebol, do samba, do carnaval e da mulher sedutora e impetuosa. Um dos seus corolários foi o deslocamento de muitos turistas vindos de diversos países, como Espanha, Portugal, Alemanha e Itália, para o Brasil em busca da exótica e “autêntica” feminilidade, desejando descobrir de perto o que a brasileira tem para ser considerada a paixão e a maior atração nacional.⁸ Assim, a partir da publicidade feita pelo próprio Estado, é

impulsionado o turismo sexual que, atualmente, tanto incomoda e preocupa as instituições públicas e privadas que se dedicam ao fomento da “indústria” turística nacional. (CANTALICE, 2011, p.76).

Concluimos assim que dentro do enunciado é possível ler ainda o horror à sensualidade e à aversão ao feminino, uma vez que “[...] a mulher sensual que mantivesse ainda o atributo feminino da sedução e do erotismo passou a ser considerada como perigosa [...]” (BIRMAN, Joel, 1999, p.87).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo foi observar os discursos presentes na cartilha do PGM, ao descrever o *corpus* e analisar, recortamos um enunciado que traz discursos antigos que ainda ressoam em diversas falas, os sujeitos por trás desses discursos ainda existem e constroem-se na memória.

Ao finalizar este artigo, fechamos com um ponto final, por ora, mas ele não acaba aqui, ainda há muitos outros discursos presentes nessa cartilha, de forma que é provável haver trabalhos futuros.

Enuncia-se também que o Círculo de Bakhtin amplia o olhar sobre a língua, sobre a sua riqueza e complexidade, as falas, os diálogos, são encenados a partir da vida que os sujeitos por trás vivem, há memória e valores em tudo o que é dito. A menina, vista no discurso apontado neste artigo, ainda carrega marcas da Carta de Caminha, dos julgamentos de médicos e família de anos atrás.

Com isso, determinados estereótipos não são problematizados, o que resulta na perpetuação deles. Por isso a importância de discutir as implicações das recomendações feitas na cartilha, especialmente para o público-alvo sendo tão jovens.

As observações e as análises feitas reforçam que os debates sobre a liberdade feminina ainda precisam existir e se manterem adensados, há muita memória de reclusão feminina e expressar-se contra é uma forma de construir novas memórias, novos valores.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Memória do objeto – Uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**.N. 1, 2010, p.8-22.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, n. 20, Niterói, 2006, p. 47-62.

Birman, J. (1999). **Cartografias do Feminino**. In J. Birman, Se eu te amo, cuide-se (p. 67-109). São Paulo: Editora 34.

CANTALICE, T. O melhor do Brasil é o brasileiro! Corpo, identidade, desejo e poder. **Sexualidad, Salud e Sociedad – Revista Latinoamericana**, N.7, Rio de Janeiro, 2011, p. 69-102.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo – SP. Parábola. 2009. (45-97).

MENEGON, C.; SILVA, E. W. A sexualidade feminina e a psicanálise: rompendo as amarras da moral sexual cristã e do sexo como reprodução. **Gênero & Direito**. N.3. João Pessoa, 2015, p.122-139.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação do Estado. **When In Rome Do As The Romans Do Or When In Rome Do In The Roman Way**. Recife, 2013. 16 p.

SOBRAL, S.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso –ADD. **Domínios de Lingu@gem**. Vol. 10, n.3. Uberlândia, 2016, p.1076-1094.